

A FORÇA DE SER DE ALGUMAS DAS VÍTIMAS

22/10/86

A força de ser de algumas das vítimas do trágico acidente de aviação que ceifou a vida ao Presidente Samora Machel, pode ser constatada através do que foram e realizaram quando

Luis Maria de Alcântara Santos, Ministro dos Portos e Comunicações desde 30 de Abril de 1986, depois de em 1980 ser Ministro dos Portos e Transportes de Superfície e em 1983, Ministro dos Portos, Caminhos de Ferro e Marinha Mercante, nasceu a 26 de Julho de 1928.

Formado em Engenharia Civil pela Universidade do Porto, em Portugal, Alcântara Santos iniciou a sua actividade profissional em Moçambique em princípios de 1953, então como Engenheiro na Construção dos Caminhos de Ferro de Moçambique.

Alcântara Santos, que se distinguiu sempre pela sua grande competência e larga capacidade de trabalho, teve ainda a honra de ter sido convidado para exercer as funções de Ministro das Obras Públicas e Habitação, no Governo de Transição, liderado pela FRELIMO, em 20 de Setembro de 1974.

José Carlos Lobo, foi nomeado, pouco depois da proclamação da Independência Nacional, para representante permanente da República Popular de Moçambique na Organização das Nações Unidas (ONU). Ocupou esse cargo até 28 de Maio de 1983, dia em que foi nomeado Ministro dos Recursos Minerais, de que tomou posse em 6 de Junho do mesmo ano.

Em 16 de Junho de 1984 cessa as funções de Ministro dos Recursos Minerais, sendo então designado Vice-Ministro dos Negócios Estrangeiros, cargo de que tomou posse em 22 do mesmo mês.

Director do Centro de Estudos Africanos desde a sua fundação, Aquino de Bragança, nome hoje conhecido em todo o mundo, nasceu em Goa, em 1928.

Junta-se aos movimentos de libertação em 1958, tendo participado activamente na criação da CONCP, juntamente com os mais destacados dirigentes históricos dos movimentos de libertação, tais como Amílcar Cabral, Agostinho Neto, Marcelino dos Santos, Mário de Andrade e muitos outros.

Começa a trabalhar com a FRELIMO desde a sua fundação. Quer como jornalista, quer como historiador, Aquino de Bragança é fundamental na sua contribuição para o conhecimento de todo o processo que conduz às independências dos países colonizados por Portugal.

A sua actividade contra a política do «apartheid» torna-o alvo de ataques inimigos, tendo escapado ao atentado bombista que vitimou a malograda Ruth First, no Centro de Estudos Africanos em 1982.

em vida, com dedicação e militância. O que a seguir constatamos é apenas uma síntese, mas, de qualquer forma, bastante significativa.

O Tenente-Coronel Fernando Honwana era o Assistente Pessoal do Presidente Samora Moisés Machel. Acompanhando o dirigente máximo da revolução moçambicana em praticamente todas as suas visitas de trabalho, tanto no País como no exterior, Fernando Honwana era um colaborador de confiança do Presidente da República Popular de Moçambique.

Alberto Cangelá de Mendonça, ao tempo colonial funcionário dos Serviços Geográficos e Cadastrais, foi nomeado em 7 de Novembro de 1974, para Governador do Distrito da Beira.

Em 28 de Maio de 1975, na altura, Governador da província de Sofala, foi nomeado Secretário-Geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros, para, posteriormente, ser designado Director Nacional do Protocolo, cargo que exerceu até agora.

Muradali Mamachussen, natural da província de Namúbia, fez os seus estudos em Portugal, regressando ao País, logo após a proclamação da Independência Nacional.

Foi Director Nacional de Informação e, posteriormente, Director Pro-

vincial de Apoio e Controlo de Cabo Delgado.

Presentemente, exercia as funções de Secretário Particular do Presidente da RPM, Samora Moisés Machel.

Daniel Maquinasse, um guerrilheiro-fotógrafo ao tempo da Luta Armada de Libertação Nacional, nasceu a 11 de Novembro de 1946, em Vila de Manica.

Iniciou a sua actividade como fotógrafo em 1965. Tendo entrado para a tropa colonial em 1967, desertou em 1968, fugindo para a Tanzânia.

Munido de uma máquina fotográfica «Halina», Daniel Maquinasse recebeu preparação político-militar em Nachingwea, durante seis meses, para depois ir fazer a guerrilha em Cabo Delgado.

Em meados de 1969 regressou a Nachingwea, tendo sido, na altura, escolhido para frequentar um Curso de Fotografia, com a duração de um mês.

Passou então a dedicar-se, em plena guerrilha, à actividade de fotógrafo, exercendo também a sua profissão nas zonas libertadas.

Daniel Maquinasse, após a queda do colonial-fascismo, fotografou os Acordos de Lusaka, a tomada de posse do Governo de Transição, liderado pela FRELIMO, regressando de-

pois a Dar-es-Salaam. Voltou ao País pouco tempo passado, para estar presente e fotografar a cerimónia da Independência Nacional.

Posteriormente, Daniel Maquinasse realizou inúmeros trabalhos, saídos a lume em quase todos os órgãos de comunicação social da RPM.

Gulamo Khan, natural de Maputo, começou a sua carreira nos órgãos de comunicação social em 1972, no então Rádio Clube de Moçambique, como locutor, exercendo depois, durante vários anos e já com Moçambique independente, a tarefa de jornalista.

Poeta e membro da Associação dos Escritores Moçambicanos, Gulamo Khan colaborou em quase todos os jornais do País e, desde o ano passado, exercia as funções de Adido de Imprensa na Presidência da República.

Azarias Eugénio Inguane, nascido a 26 de Março de 1959, na localidade de Maivene, província de Gaza, entrou para o jornal «Notícias», como repórter-fotográfico, em 22 de Março de 1979.

Em 4 de Junho de 1985 é nomeado Chefe da Secção Fotográfica, cargo que manteve até agora.

Azarias Inguane fez inúmeras reportagens fotográficas, quer no nosso País, quer em missões de serviço no estrangeiro.